



O OLHAR DO OUTRO: IDENTIDADE E CULTURA SURDA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE

**Victor Rafael do Nascimento Mendes
Aldeci Fernandes da Cunha**

RESUMO:

A cultura e a identidade surdas estão presentes em todos os espaços sociais de nossa sociedade. Fruto de lutas educacionais e políticas inclusivas que há mais de uma década garante “voz” e visibilidade à comunidade surda brasileira, cada vez mais estudantes com surdez têm sido matriculados em escolas estaduais do Rio Grande do Norte. No entanto, esta inclusão carece de alguns ajustes, uma vez que boa parte dos profissionais de nossas instituições de ensino não estão preparados profissionalmente para receber esses estudantes. Com base nesses argumentos, surgem-nos questões: Como os profissionais da educação básica do Rio Grande do Norte compreendem os sistemas de identidade e cultura de estudantes surdos? No intuito de responder a esse questionamento, temos como objetivo apresentar os discursos que constituem a compreensão de profissionais da educação básica estadual do Rio Grande do Norte sobre identidade e cultura surdas; bem como analisar a constituição desses discursos com base no que defende Perlin (1998), Santana & Bergamo (2007) e Quadros (2010). Nossa metodologia parte da perspectiva da linguística de *corpus*, através da qual analisaremos discursos de professores e funcionários escolares presentes no *Corpus “DISURDOS”*, constituído por Nascimento-Mendes (2018). Nossos resultados apontam que a cultura e identidade surdas, através do que sugere os discursos analisados, está marcada sob o olhar da diversidade/diferença, unida pelo viés do fortalecimento coletivo da comunidade surda escolar e militante pelas causas políticas e legais que lhes são de direito.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Surdas. Escolas. Discursos.

1 INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Juscelino Kubitschek (EEJK), pertencente à 11ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC), no município de Açu, Rio Grande do Norte, é hoje referência em atendimento e ensino ao aluno surdo, tendo em seu quadro de servidores professores, instrutores e intérpretes-tradutores na área da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Muito se tem feito na instituição referida para divulgar a cultura e identidade surdas, como são os casos dos cursos de Libras, Jornal *InclusAção* e canal no *YouTube* JKLibras. Porém, a escola ainda carece de pesquisas com os servidores da EEJK a fim de saber o que estes entendem ou compreendem a respeito da comunidade surda existente na escola em seus aspectos culturais, costumeiros, ações, de identidades, valores etc.

Motivados pela situação mencionada, surgiu-nos a seguinte indagação: Como os profissionais da educação básica do Rio Grande do Norte compreendem os sistemas de identidade e cultura de estudantes surdos? No intuito de responder a esse questionamento, temos como objetivo apresentar os discursos que constituem a compreensão de profissionais da educação básica estadual do Rio Grande do Norte sobre identidade e cultura surdas; bem como analisar a constituição desses discursos com base no que defende Perlin (1998), Santana & Bergamo (2007) e Quadros (2010).

Nossa metodologia parte da perspectiva da linguística de *corpus*, através da qual analisaremos discursos de professores e funcionários escolares presentes no *Corpus "DISURDOS"*, constituído por Nascimento-Mendes (2018). O paradigma de observação dos dados tem caráter qualitativo e quantitativo, e a pesquisa é de cunho descritivo e interpretativo.

Para fortalecer nosso trabalho, nos valem os textos advindos de Santana & Bergamo (2007), Perlin (1998), Sacks (2010) e Quadros (2010), os quais discutem sobre o tema proposto em nossa pesquisa tomando por base a

Libras (Língua Brasileira de Sinais) em seus valores e costumes. A título de informação, intensificamos nossas leituras de textos dos teóricos aqui apontados em suas obras de referências, mas também através de textos publicados por Cunha (2016) e Nascimento-Mendes (2018; 2019).

Os resultados apontam que boa parte da comunidade escolar da EEJK tem conhecimento da existência de surdos. No entanto, poucos conhecem como e de que forma a cultura e a identidade surdas são constituídas em seus aspectos, singularidades/ pluralidades, costumes e valores. É preciso que se intensifique ainda mais a ação de toda a comunidade surda da EEJK, qual seja: professores, intérpretes-tradutores, instrutores e alunos surdos através de formações, ações, pesquisas e atividades de extensão, pois, a partir desses meios, é possível que mais pessoas possam ter conhecimento do que se trata a cultura e a identidade surdas, visto que são chaves para todo o processo de inclusão e aceitação dos surdos em seus ambientes de interação e, principalmente, da Libras.

Este texto está dividido em 05 (cinco) seções: 01. Introdução, em que apresentamos nossos questionamentos, hipóteses, objetivos, motivações e métodos científicos; 02. Base teórica que sustenta nossa defesa nesse trabalho; 03. Apresentação da proposta metodológica, que nos serve de suporte para o trabalho científico; 04. Apresentação dos dados coletados, e, por último, 05. Considerações conclusivas apontando os nossos resultados e achados.

2 MOTIVAÇÕES TEÓRICAS: CULTURA E IDENTIDADE SURDAS

A cultura e a identidade surdas são temas que muito frequentemente são discutidos em pesquisas e universidades. No entanto, estas são pouco abordadas em escolas e instituições de ensino básico. Nesse sentido, estudamos sobre as temáticas referidas para que pudéssemos refletir a

respeito e, conseqüentemente, escrever nessa seção. A título de informação, nossas discussões vinculam-se ao que pensa Santana (2007), Sá (1999) e Perlin (1998).

2.1 IDENTIDADE SURDA

O processo de formação/aquisição de identidade surda, perpassado por uma série de fatores socioculturais, os quais contribuem para a formação individual, e às vezes coletiva, da condição da pessoa/comunidade surda. Uma vez constituída, a identidade surda é vista como diferente da cultura ouvinte, pois essa configura-se de forma visual-espacial e, a do ouvinte, de forma oral-auditiva.

Como na identidade ouvinte, a identidade surda abrange múltiplos aspectos. Não há uma singularidade, embora esteja constituída por uma só língua: a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Como esta está sujeita, na grande maioria dos casos, a língua majoritária, pela Língua Portuguesa (LP), acaba por aculturar-se de algumas peculiaridades de outra identidade, a da LP. A respeito disso, Perlin (1998, p. 26) discute:

É evidente que as identidades surdas assumem formas multifacetadas em vista das fragmentações a que estão sujeitas, face à presença do poder ouvintista que lhes impõem regras, inclusive, encontrando no estereótipo surdo uma resposta para a negação da representação da identidade surda ao sujeito surdo.

De acordo a citação, nos foi dito que, por processo de aculturação, a LP acaba por transpassar alguns aspectos de sua identidade para o surdo, pois este nasce, em sua maioria, num ambiente onde sua língua não se constitui como a de maior número. Por esse motivo, o surdo passa por uma identidade multifacetada devido às regras, normas e padrões impostos pela LP, os quais fazem com que o surdo possa vir a negar sua identidade de sujeito surdo.

2.1.1 A língua de sinais enquanto formadora de identidade

É sabido, por boa parte de nós, que a língua é formadora da identidade de uma determinada sociedade/comunidade/grupo, a qual está sujeita a diversos processos de formação, dentre eles: o cultural. Para a comunidade surda, a língua de sinais, no caso do Brasil, a Libras, se constitui como língua formadora da comunidade surda, a qual é regida por gramática e processos linguísticos próprios.

Santana (2007, p. 41) afirma que os defensores da língua de sinais (Perlin, 1998; Moura, 2000) defendem que “[...] só por meio dela, adquirida em qualquer idade, o sujeito surdo constituirá uma identidade surda, já que ele não é ouvinte. [...] Usar a língua de sinais em contato com outro surdo é o que define, basicamente, tal identidade”. A partir disso, quando o surdo passa a interagir com a comunidade surda da qual faz parte e a compreender o que está em volta de si através da língua de sinais, é que esse passa a definir e constituir sua identidade surda. Tudo isso ocorre pelo fato de que a língua de sinais possibilita, ao surdo, novas formas de compreensão de mundo, diálogo e aprendizagem, as quais não são possíveis através da linguagem oral (SANTANA, 2007). Por fim, a construção de identidade pelo surdo não está, necessária e unicamente, (inter)ligada a língua de sinais, mas é esta que o possibilita constituir-se como “falante”.

2.1.2 Optando por concepção teórica

Através do que discutimos nesse tópico, é possível perceber que há uma concepção, muito defendida, por boa parte dos pesquisadores/teóricos, de que a língua de sinais é a principal fonte formadora da identidade do surdo, por entender que esta está na ordem do discurso, nas práticas interativas e sociais. No entanto, há quem discorde que a língua de sinais é a única e principal



formadora da identidade surda, primeiro porque antes da aquisição da língua de sinais, o surdo já se encontrava mergulhado em uma identidade imposta pelo meio oralista.

Por critério de crença e defesa teórica, adotamos nesse trabalho a concepção de que a língua de sinais é a principal fonte de aquisição de identidade surda por entendermos que a toda e qualquer língua/linguagem tem o poder de movimentar/(des)construir as práticas socioculturais, de costumes, valores e princípios de uma determinada comunidade/grupo/sociedade. Tudo, nessa discussão, envolve cultura e, sobre cultura surda, discutiremos a seguir.

2.2 CULTURA SURDA

Discutir a respeito da cultura surda é bem complexo e polêmico (o que não carece nesse gênero de texto). Isso implicaria na feitura de outro trabalho que dissertasse apenas sobre esta. Porém, nessa pesquisa, optamos por abordar, de forma básica, alguns dos conceitos teóricos sobre a questão da cultura surda.

Do ponto de vista geral, cultura é um conjunto de costumes, valores e crenças que uma sociedade/comunidade/grupo comporta em seu processo de construção de identidade. Falamos em processo porque a cultura não estaciona, ela está em constante avanço e crescimento/mudança. A cultura, assim como a identidade, também é gerida pelo plano discursivo, pela língua/linguagem. Por esse motivo, a comunidade surda também tem sua cultura própria. A respeito da cultura surda, Santana (2007, p. 45) disserta que:

Na área da surdez, geralmente se encontra o termo “cultura” como referência à língua (de sinais), às estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios de que os surdos usufruem para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a companhia que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta etc.

A partir do que foi dito por Santana, observamos que a cultura não é unicamente definida pela língua. Na verdade, a cultura surda parte dela, tem seu início na língua de sinais. Há, além disso, um conjunto de costumes, formas de (con)viver com as diferenças e de mecanismos que “ajudam” o surdo a subtrair as dificuldades encontradas no percurso de sua vida. Por esses motivos, a língua, isoladamente, não se configura como a única formadora da cultura surda (SANTANA, 2007).

Surdos e ouvintes convivem e partilham da mesma cultura em que estão inseridos. “Códigos específicos não expressam uma cultura diferente, apenas indicam a particularidade de um grupo dentro de um sistema social” (SANTANA, 2007, p. 45). No entanto, afirmar como está dito no início desse parágrafo é, no mínimo, não observar/respeitar as diferenças particulares que há nos dois grupos: ouvintes e surdos.

A cultura surda, em termos políticos e sociais, é vista, também, como bandeira de luta por legitimidade dos direitos do surdo, contra uma grande desigualdade e preconceitos ainda existentes. O próprio termo “cultura” agrega uma significação de busca de reconhecimento da existência da comunidade surda. Seguindo esse viés de discussão, Santana (2007, p. 46) diz que “[...] acredita-se também que o termo “cultura surda” (e sua legitimação) é produto exclusivamente dos surdos, enquanto aos demais grupos da sociedade, ou melhor, aos ouvintes, é subtraída qualquer participação na adoção do termo”.

Visto isso, estamos agora a partir para uma discussão que possibilita observar a questão da cultura surda pelo viés socioantropológico. Sá (1999, p. 157-158) afirma que o surdo não faz farte de um “movimento” distinto, mas que:

[...] nem estamos pretendendo incentivar a criação de grupos à parte, de minorias alheias à sociedade majoritária. Pretendemos, sim, que sejam reconhecidas as variadas “especificidades culturais”, manifestadas na língua, nos hábitos, nos modos de socialização e de fundamento cognitivo que dão origem a uma cultura diferente. [...] O objetivo de considerar, no estudo da problemática do surdo, a questão cultural, não é o de

incentivar a criação de grupos minoritários à margem da sociedade, mas justamente o contrário, ou seja, o de se considerar a diferenciação linguística como necessária para possibilitar o desenvolvimento normal da cognição, da subjetividade, da expressividade e da cidadania da pessoa surda.

Como foi dito na citação, o objetivo maior da cultura surda é o reconhecimento de sua existência, nos seus mais variados aspectos: linguísticos, habituais, costumeiros etc., no seio de uma sociedade majoritária. Sobre o último enunciado, este vai de encontro ao que é dito por Santana (2007, p. 48, apud. Lane, 1992) “a cultura surda, além da língua, é composta de literatura específica, de história própria, de contos de fadas, fábulas, romances, peças de teatro, anedotas, jogos de mímica”. Fazer com que isso se torne realidade se torna, além de árduo, um trabalho de defesa política, ética e, principalmente, social.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho parte da perspectiva da linguística de *corpus*, através da qual analisaremos discursos de professores e funcionários escolares presentes no *Corpus “DISURDOS”*, constituído por Nascimento-Mendes (2018).

3.1 CORPUS DISURDOS

O *Corpus DISURDOS* é constituído por depoimentos coletados através de entrevistas com 31 de profissionais da escola. A entrevista teve os seguintes critérios: 1. Que tivesse a participação de todos os turnos da escola: matutino, vespertino e noturno; 2. Quantidade de professores e servidores nos

turnos referidos, tendo proporcionalidade na entrega das entrevistas com base no quantitativo de sujeitos.

As perguntas discutiram sobre as seguintes temáticas: 01. Você conhece a comunidade surda da Escola Estadual Juscelino Kubitschek? 02. Como você vê a comunidade surda existente na EEJK? 03. Você sabe o que significa cultura e identidade surdas? 04. Você tem conhecimento de alguma atividade e/ou ação na EEJK que valorize a Língua Brasileira de Sinais e que potencialize a aprendizagem da comunidade surda? 05. Você tem contato com algum surdo na EEJK?

3.2 DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Para descrição e interpretação dos depoimentos de cunho subjetivo (pergunta 02), os dados serão organizados em quadros/tabelas para estabelecer comparações e elaborar demonstrativo, com sínteses e discussões dos principais resultados (identificado por análise), que serão filtrados em ambas categorias a depender da resposta obtida. O quadro está organizado da seguinte forma:

Informante	Categoria	Síntese	Análise

Fonte: Produção dos autores.

A feitura desse quadro nos possibilitou uma melhor organização dos depoimentos referentes às duas categorias: professores e funcionários. Dessa forma, será de fácil compreensão para o leitor.

Os informantes terão seus nomes identificados, uma vez que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No quadro referente à categoria, preenchemos a palavra “Professor”, quando o informante for professor e a palavra “Funcionário”, para quando o informante for funcionário.



Na parte que tange à síntese do depoimento, descrevemos a principal síntese do depoimento do informante sobre a categoria comentada. E, por fim, na parte da análise, dissertamos sobre o nosso ponto de vista analítico do depoimento do informante.

Os resultados dos depoimentos com domínios quantitativo e descritivo (perguntas, 01, 03, 04 e 05) serão apresentados através de gráficos, divididos em suas respectivas categorias.

3.3 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

A análise dos dados tem fundamento nos pressupostos teóricos adotados nesse trabalho, e levará em consideração as categorias apontadas na seção anterior. O foco principal será em compreender quais são as concepções de sujeitos da EEJK sobre cultura e identidade surdas.

3.4 MÉTODO DE ABORDAGEM

O método de abordagem está situado nos paradigmas qualitativo e quantitativo, que muito bem se ajustam ao enfoque da pesquisa, tendo em conta os depoimentos coletados e sua interpretação. Pelo viés qualitativo, garante a interpretação dos depoimentos para composição das análises, e pelo quantitativo o recenseamento dos dados através de gráficos, que representam quantitativamente os resultados de nossa pesquisa.

4 CULTURA E IDENTIDADE SURDAS: O OLHAR DA ESCOLA

Desde o ano de 2016, quando professores de Libras (Língua Brasileira de Sinais) chegaram às escolas estaduais do Rio Grande do Norte (RN), muito se tem avançado na educação de surdos, principalmente pela

representatividade e visibilidade à comunidade surda. Além disso, em parceria com a Associação de Surdos de Natal (ASNAT), a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura (SEEC) firmou contrato com intérpretes e instrutores de Libras, o que ampliou, ainda mais, a garantia de educação inclusiva para os surdos.

Na Escola Estadual Juscelino Kubitschek, que tem hoje um dos maiores quadros funcionais de servidores em Libras do RN, contando com o número de 07 (sete) funcionários: 02 professores, 02 instrutores e 03 intérpretes, se intensificou atividades nessa modalidade de ensino inclusivo para além da sala de aula, tendo trabalho também em pesquisa e extensão através do Jornal *Inclusão*, cursos formativos, eventos, grupo de estudo e canal no *YouTube* JKLibras.

Partimos agora para a apresentação dos resultados obtidos em resposta ao questionamento 01, qual seja: Você conhece a comunidade surda da Escola Estadual Juscelino Kubitschek (EEJK)?



Gráfico 01: Respostas ao questionamento 1 da categoria *Funcionários*.



Gráfico 02: Respostas ao questionamento 1 da categoria *Professores*.

Os dados apresentados nos mostram que a grande maioria da comunidade escolar tem conhecimento da comunidade surda existente na EEJK. Embora ainda existam alguns que apontam desconhecer a comunidade surda, julgamos esse resultado positivo, pois há algum tempo havia poucos surdos que faziam contato com os professores e funcionários da escola. Na verdade, muitos viviam sozinhos em seus silêncios, com medo do preconceito e da discriminação.

Nos chama a atenção o resultado dos funcionários, pois esperávamos que todos afirmassem ter conhecimento da comunidade surda da EEJK, uma vez que já foram feitas, e estão sendo feitas, formações em Libras para estes. Além disso, sempre a cada término de semestre é publicado edições do Jornal Inclusão e, quase que semanalmente, é publicado vídeos no canal JKLibras, que evidenciam as ações desenvolvidas pela comunidade surda da instituição EEJK. Na sequência, apresentamos os resultados obtidos com as respostas ao questionamento 03 em ambas categorias, a saber: Você sabe o que significa cultura e identidade surdas?



Gráfico 03: Respostas ao questionamento 03 da categoria *Funcionários*.



Gráfico 04: Respostas ao questionamento 03 da categoria *Professores*.

É possível observar, através dos gráficos acima, uma grande diferença de conhecimento sobre cultura e identidade surdas em ambas categorias. A maior parte da categoria de Funcionários disse não saber o que significa cultura e identidade surdas, o que nos revela a necessidade de realizarmos, ainda mais, formações e cursos que possam oportunizar aquisição de conhecimento no que se refere aos pontos dessa questão. A categoria Professores, em sua totalidade, disse saber do que se trata a cultura e identidade surdas, o que avaliamos ser um grande ganho, pois estes são nossa base de propagação da cultura e identidade surdas em nossa instituição, uma vez são esses os responsáveis pelo ensino e aprendizagem dos estudantes.

Dando continuidade, apresentamos o gráfico em resposta ao questionamento 04, qual seja: Você tem conhecimento de alguma atividade e/ou ação na EEJK que valorize a Língua Brasileira de Sinais e que potencialize a aprendizagem da comunidade surda?



Gráfico 05: Respostas ao questionamento 04 da categoria *Funcionários*.



Gráfico 06: Respostas ao questionamento 04 da categoria *Professores*.

A partir dos dados acima, em resposta ao questionamento 04, nos foi possível perceber que as ações que divulgam e publicitam a comunidade surda na EEJK têm trazido um propositivo efeito, pois é justamente esse o objetivo das ações, que é oportunizar visibilidade à comunidade surda da instituição referida.

Percebemos, em nível da comunidade de funcionários, que ainda precisamos avançar no sentido de fazer com que possamos atingir, no mínimo, 90% do conhecimento da comunidade surda. Para refletirmos sobre isso, sugerimos que os servidores de Libras da EEJK possam ampliar o número de impressões do Jornal *InclusAção* e divulgar em redes sociais o canal *JKLibras*,

pois é justamente nesses veículos de informações e mídias que se encontram a maior parte dos funcionários.

A seguir, apresentamos os resultados do questionamento 05, a saber: Você tem contato com algum surdo na EEJK?



Gráfico 07: Respostas ao questionamento 05 da categoria *Funcionários*.



Gráfico 08: Respostas ao questionamento 05 da categoria *Professores*.

Os resultados acima apresentados são positivos e bastante satisfatórios, pois é a partir do contato com o surdo, principalmente aquele que faz parte da comunidade surda e conhece a Libras, que as pessoas tomam conhecimento de como a cultura e a identidade surdas se desenvolvem nas instituições de ensino. Além disso, o contato com a comunidade surda é também importante

para aprender Libras, pois os surdos são prestativos e gostam de ensinar sua língua materna.

Desde o ano de 2013, a EEJK tem recebido muita matrícula de alunos surdos. Por esse motivo, é importante que toda comunidade escolar esteja preparada para recebê-los de forma bastante receptiva, pois a maioria de nossos alunos surdos vêm de um longo histórico de discriminação e abandono na educação, sendo-lhes privado um dos principais princípios da constituição brasileira, que é o direito a educação.

A cultura e a identidade surdas são, marcadamente, aspectos de propagação e divulgação da comunidade surda, onde quer que ela esteja. Através delas podemos saber como os surdos estabelecem seus convívios em diferentes esferas da sociedade, uma vez que sua cultura é visual-espacial, diferentemente da ouvinte que é oral-auditiva.

Passamos agora a analisar as principais respostas sobre o questionamento 02, que perguntou sobre como o sujeito entrevistado vê a comunidade surda existente na EEJK. Esse questionamento foi de cunho subjetivo e, por ser extenso, não iremos apresentar aqui todas as respostas em virtude que o gênero artigo científico não ser extenso em sua escrita. Para isso, filtramos duas principais respostas, 01 (uma) da categoria de Funcionários e 01 (uma) da categoria Professores. Vejamos a seguir:

Informante	Categoria	Síntese	Análise
Carlos Antônio da Silva Dantas	Funcionário	“Vejo como uma influência à inclusão, para que os alunos vejam os surdos como iguais, assim como eles são”.	Observamos através desse depoimento que o informante não percebe a comunidade surda como diferente, mas como iguais, o que de fato marca argumento da inclusão. Enxergar os surdos dessa forma nos leva a acreditar que hoje, em nossas instituições de

			ensino, o preconceito e a discriminação para com os alunos deficientes têm se tornado cada vez menor. Há também, implicitamente, no depoimento do informante, uma escolha de observação, que não vê a diferença, mas sim a diversidade.
--	--	--	---

Quadro 01: Resposta ao questionamento 02 da categoria de *Funcionários*.

Informante	Categoria	Síntese	Análise
Maria Cleide Soares Cavalcante	Professor	“Uma comunidade que luta para fazer valer os seus direitos e conviver de forma harmoniosa, com menos preconceito, e apesar das diferenças busca-se preservar a dignidade como ser humano”.	O texto apresentado na fala da professora é marcado pelo discurso político, que, há muito custo, tem sido também uma de nossas bandeiras dentro dos seios escolares: levantar a bandeira da dignidade humana e fazer com que todos os direitos legais, sob o foco das políticas públicas educacionais, sejam garantidos e cumpridos de forma adequada.

Quadro 01: Resposta ao questionamento 02 da categoria de *Professor*.

Os dois depoimentos foram marcados por 03 palavras-chave, a saber: diversidade, união e política. Essas três palavras nos traz o resultado de nossa pesquisa, que é descobrir como a comunidade surda é vista por diversos sujeitos da EEJK. Sendo assim, pautados nessas afirmações, podemos dizer que a cultura e identidade surdas da instituição EEJK é hoje marcada sob o olhar de diversidade em seus componentes, unida pelo viés do fortalecimento



coletivo do grupo e militante pelas causas políticas e legais que lhes são de direito.

A EEJK é hoje referência no ensino, pesquisa e extensão quando se fala em educação de surdos na região do Vale do Açu. Esse resultado é fruto de muito empenho e desejo de que a inclusão escolar realmente aconteça. Não podemos aqui generalizar que todos tem conhecimento de cultura e identidade surdas, uma vez que os nossos resultados apresentam isso, mas que o está sendo feito, e foi feito, é o bastante para comprovar a importância da comunidade surda quando o trabalho está bem articulado e planejado.

6 CONCLUSÕES PARA O MOMENTO

É sabido, por boa parte de nós, que a família é o primeiro núcleo de desenvolvimento cultural e de identidade. Após isso, é a partir do contato escolar que o aluno irá desenvolver e constituir-se enquanto cidadão cultural e conferir maior propriedade à sua identidade.

Apontar o que foi dito no último enunciado, a pessoas ouvintes, é de fácil entendimento. No entanto, quando partimos para o meio surdo, é preciso compreender como é que se configura a cultura e a identidade surdas, e como estas se constituem para o aluno surdo, quando há uma sociedade linguisticamente majoritária envolvida nesse processo.

Os objetivos pretendidos nesse trabalho foram alcançados, pois, podemos perceber, através do que foi dito pelos entrevistados, que a cultura e a identidade surdas na Escola Estadual Juscelino Kubitschek - EEJK está marcada hoje por questões de ordens sociais, políticas e legais, o que nos faz acreditar que o melhor caminho para a constituição da cultura e identidade é a educação inclusiva, através de seus agentes e sujeitos que dela fazem uso.

O movimento surdo, no município de Açu, ainda se constitui tímido. No entanto, as escolas estaduais, principalmente a EEJK, que estão a receber



estudantes surdos, demonstram boa segurança nesse trabalho, embora haja algumas limitações que interferem o surdo de conquistar ainda mais o seu espaço: uma sirene iluminada para indicar a mudança de horário, profissionais bem qualificados para atendê-los etc.

Devemos apontar, também, que a cidade de Açu, por estar geograficamente posicionada no interior do estado, ainda não evoluiu, de forma esperada, no atendimento à pessoa surda. Há, ainda, muito que a se fazer para que a luta da educação, principalmente daqueles que lutam por uma educação inclusiva de qualidade, em seus aspectos de cultura e identidade, possa ser, de fato, efetiva. É preciso que os órgãos públicos e particulares estejam preparados para receber o surdo.

Portanto, nossos resultados apontam que a cultura e identidade surdas na EEJK estão a prosseguir no caminho mais adequado possível, pois, fazer com que o surdo seja (re)conhecido como sujeito-ativo-participante-integrante de uma sociedade preconceituosa, em seus aspectos de identidade e de cultura, é a nossa maior bandeira, além disso, é, acima de tudo, o nosso ofício de ser professor.

REFERÊNCIAS

CUNHA, A. F. A expressão criativa no ensino da Língua Brasileira de Sinais como parte do atendimento educacional especializado: uma possibilidade na inclusão de alunos surdos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ensino, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2016.

BOURDIEU, P. A economia das trocas linguísticas. São Paulo: EDUSP, 1998.
QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LANE, H. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MOURA, M. C. O surdo: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NASCIMENTO-MENDES, Victor Rafael do. Cultura e Identidade Surdas de Professores de LIBRAS do Estado do Rio Grande do Norte. Açu: FACESA, 2018.

PEREIRA, M. C. C.; NAKASATO, R. Aquisição de narrativas em Língua de Sinais Brasileira. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 125, 2001, p. 355-63.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 51-73.

SÁ, N. R. L. A educação dos surdos: a caminho do bilinguismo. Niterói: Eduff, 1999.

SACKS, Oliver W. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTANA, A. P. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurológicas. São Paulo: Plexus, 2007.

_____; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. Educação e Sociologia, Campinas, v. 26, n. 91, 2005, p. 565-582.

IDENTIFICAÇÃO DOS AUTORES

VICTOR RAFAEL DO NASCIMENTO MENDES



Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e Mestre pelo mesmo programa. Graduado em Letras (habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas) pela UERN. Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias. Supervisor de Educação Especial e Diversidade no sistema de ensino básico do Estado do Rio Grande do Norte, lotado na 11ª Diretoria Regional de Educação e Cultura. Professor de Libras na UERN, Campus de Açu, lotado no Departamento de Letras Vernáculas. Membro do Grupo de Estudos Funcionalistas e o Ensino de Línguas (EFEL/UERN) e do Grupo de Pesquisa Sistêmica, Ambientes e Linguagens (SAL), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tem interesse nas seguintes discussões/temáticas: Linguística Funcional, Terminologia, Lexicografia, Linguística da Libras, Cultura Surda e Educação Inclusiva. E-mail: vrnmendes@gmail.com.



ALDECI FERNANDES DA CUNHA



Mestrado em Ensino pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Possui graduação em Pedagogia pela UERN, com especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Universidade Federal do Semiárido/UFERSA, e em Tecnologias em Educação pela PUC/Rio. É professor efetivo do departamento de Educação do Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão- UERN/Assú/RN. Membro da Associação brasileira dos pesquisadores em Educação Especial. Desenvolve pesquisas na área da Educação Especial na perspectiva educacional inclusiva com base em Vigotsky, atuando nos seguintes temas: Subjetividade, criatividade e inclusão, e atendimento educacional especializado.

E-mail: aldecyfernandes@hotmail.com